



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA**

**Relacionamentos e práticas de sexo transacional entre um grupo de
estudantes numa residência universitária em Maputo**

Candidata: Ancha Alfeu Chichango

Supervisor: Danúbio Walter Afonso Lihaha

Maputo, Abril de 2017

Relacionamentos e práticas de sexo transacional entre um grupo de estudantes de uma residência universitária em Maputo

Trabalho submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

A candidata

Ancha Alfeu Chichango

O supervisor

O presidente

O oponente

Maputo, Abril de 2017

Declaração de Originalidade

Declaro por minha honra que este trabalho de pesquisa é original, nunca foi apresentado de forma parcial ou integralmente em nenhuma instituição para obtenção de qualquer grau académico. O mesmo constitui fruto da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na referência bibliográfica todas as fontes utilizadas para a materialização do mesmo.

A candidata

Ancha Alfeu Chichango

Maputo, Abril de 2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, por me concederem o dom da vida e por me ensinarem com zelo e dedicação. Pai, mãe obrigado pelo amor!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro Agradeço a Deus por tudo quanto ele tem feito na minha vida, hoje digo se não fosse a tua Divina Graça e protecção eu não estaria aqui. O meu muito obrigado por este momento tornar-se realidade.

Agradeço em especial o meu supervisor dr. Danúbio Lihahé, pelos ensinamentos, e apoio dado desde a elaboração do presente trabalho. Não me esquecendo principalmente das lições de vida, conselhos, e aprendizado. Como pai, educador, e professor o meu obrigado! Que Deus derrame muita bênção e luz na sua vida. E obrigado a todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia que directa ou indirectamente contribuíram para a minha formação.

Aos meus pais que fizeram de tudo para que não faltasse nada para minha formação, mesmo nas dificuldades da vida, sempre apoiaram-me. A minha querida irmã que sempre preocupou-se comigo, obrigado maninha. Aos meus tios Alice, Cordeiro, e em especial aos Pastores da minha Igreja Ministério da Graça de Deus que oram sempre por mim!

À toda turma de Antropologia do ano 2010, pelos momentos que vivemos e partilhamos todos juntos, bons e maus, mas sempre nos respeitando uns aos outros. Foram vários os finais de semana de descanso que tivemos, mas que para nós eram de encontros e grupos de estudo a fim de partilharmos experiências, aprendizado e produção de trabalhos. À Nilsa Mabureza, Inácio Manjate, Luís Mugabe, Laércio Sulila, Jorge Muntâmpua, Justino Cossa e em especial minha querida amiga com o apelido de “Amor”- Tânia Zimila.

O meu muito obrigado vai também para todas alunas (estudantes) que fizeram parte desta pesquisa, pois sem elas este trabalho não se materializava. Tudo de bom para vocês e que consigam terminar a vossa formação com sucesso.

RESUMO

A presente pesquisa, analisa os relacionamentos insistentes entre um grupo de estudantes do ensino superior. O Trabalho tem como campo de estudo uma Residência Universitária da UEM, na cidade de Maputo, onde procurou analisar entre as estudantes, comportamentos e práticas de relacionamentos estudantis. Para a realização do trabalho optamos pelo método etnográfico aliado à observação directa, conversas formais e informais e entrevistas semi-estruturadas.

A teoria usada para o trabalho, foi a fenomenológica, que privilegia o estudo dos sentidos que os actores sociais atribuem a sua própria prática social, atendendo e considerando os símbolos culturais, económicos e políticos.

A pesquisa constatou-se que as estudantes universitárias adoptam uma cultura de escolha racional de parceiros considerando como critérios a condição financeira dos mesmos, de modo a suportarem as suas despesas durante a formação. Ademais, as participantes relatam que as relações não são de cariz afectuoso apesar de haver casos que acabam sendo.

Palavras-Chave: *Prostituição e Sexo Transaccional, Práticas e Representações Sociais.*

Índice

Dedicatória	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
CAPÍTULO I.....	1
INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Justificativa	2
1.2 Contextualização Histórica e Social das Residências Universitárias.....	4
CAPÍTULO II.....	6
REVISÃO DE LITERATURA	7
2.1. Prostituição no Contexto Moçambicano.....	11
Enquadramento teórico e conceptual	13
3.1. Conceitos	14
3.1.1. Prostituição e sexo Transacional	14
3.1.2. Representação Social.....	14
3.1.3. Práticas Sociais.....	15
CAPÍTULO IV	16
Procedimento Metodológico	16
4.1. Método.....	16
4.2. Técnicas de recolha de dados	16
4.3. Fases da Realização do Trabalho	17
4.4. O local do Estudo	18
4.5. Constrangimentos e sua Superação	18
CAPÍTULO V	20
resultados da pesquisa	20

4.1. Causas que Influenciam as Estudantes a ter Comportamentos Associados à Prostituição.....	20
4.2. Formas de representação das estudantes associadas à prostituição.....	22
4.3. O Quotidiano destas Estudantes	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa analisa os relacionamentos estudantis através das práticas de *sexo transaccional*¹ nas residências universitárias. Actualmente o fenómeno vem ganhado contornos agravantes, que suscita e levanta um campo central de análise. Assim sendo este trabalho não foge da linha, daí que procuro analisá-lo no contexto da cidade de Maputo. O interesse deriva do facto de o fenómeno estar a ganhar maior visibilidade nos média, em especial atenção no programa (contacto directo na TV Miramar). Onde muitas das entrevistadas apontavam falta de condições de vida, para o sustento dos seus parentes e filhos etc..,

A prostituição é uma ocupação marcada por adversidades que abrange características as pessoas envolvidas, e a forma de se referir a mesma. Esta envolve práticas, relações, desejos, trocas, afecto a permuta de favores, presentes e valores constitutivos de um universo marcado por trocas económicas-sexuais. Piscitelli (2004) a actividade da prostituição é usada como um recurso de sobrevivência.

Nessa ordem de ideias, o trabalho de pesquisa analisa a prática de sexo transaccional numa Residência Universitária na Cidade de Maputo. Compreende-se a prostituição como uma acção humana sobre a natureza que muda a morfologia e constrói identidades do sujeito, realizado historicamente e socialmente.

Da Silva *et al.* (2010) entende a prostituição como uma prática de comercializar o serviço sexual, como prazer, fantasias, sexo, e carícias. Esta actividade é exercida mediante a negociação directa com cliente sobre os serviços a serem prestados, e os preços variam de acordo com a performance da profissional.

O trabalho tem como objectivo geral: Perceber os relacionamentos, práticas e representações do sexo transaccional numa Residência Universitária da Cidade de Maputo e têm como objectivos específicos; Identificar e caracterizar as causas que influenciam as estudantes a ter comportamentos e práticas associadas à prostituição; Identificar as

¹ Para melhor compreensão dos conteúdos que constam do trabalho, usou-se como sinónimo da palavra prostituição o termo *sexo transaccional*.

diferentes formas de representação das estudantes associadas à prática da prostituição e por fim descrever o cotidiano das estudantes.

Segundo Muniz (2001), A diversão a liberdade associado a prostituição nas residências universitárias foi algo antes não existente, as pessoas namoravam sem praticar relações sexuais devido a aquisição de gravidez indesejada por parte das mulheres, pais, Jovens e solteiras por consequência de “filhos bastardos”. Com o aparecimento de pílulas anticoncepcional devido a revolução sexual houve grande tendência dos jovens e adultos a divertirem-se, namorando em simultâneo e praticando relações sexuais. Essas práticas de diversão e sexo em simultâneo foram-se alastrando e sendo praticadas em “ locais impróprios”, (*idem*).

O trabalho está estruturado em 5 Capítulos No Primeiro Capítulo apresento a introdução onde encontramos o problema de pesquisa, os objectivos a justificativa e a contextualização. O Segundo Capítulo, apresento a revisão de literatura onde abordamos os vários estudos que discutem sobre o assunto, olhando também no contexto moçambicano. O Terceiro Capítulo, apresento o enquadramento teórico e conceptual da pesquisa, e a teoria que conduziu o trabalho. O Quarto Capítulo evidencio a metodologia usada para a realização do trabalho, não obstante, apresentamos as técnicas de recolha de dados e os constrangimentos e sua superação. E por último o Quinto Capítulo apresento os resultados do trabalho, as considerações finais e as referências usadas para elaboração do trabalho.

1.1. Justificativa

O interesse em estudar a prostituição nas residências universitárias, iniciou no momento em que eu frequentava as residências. Nesse período tinha amigas da faculdade e colegas do curso que falavam das suas vidas na residência, e como elas superavam as suas dificuldades financeiras do dia-a-dia. A partir daí, comecei a ter o interesse em saber as regras de convivência nesse espaço.

Em uma de nossas conversas, uma das estudantes dizia:

Viver na residência tem vantagens e desvantagens. A desvantagem é que temos que procurar tudo sozinhas porque nossos pais não estão por perto e a vantagem é de ser livre e

independente, ninguém te controla e fazes o que te apetece, Podemos sair, ficar uma semana fora da residência e não devemos satisfações a ninguém, (Ingride, 25 Anos).

Após ter participado nessa conversa, passei a frequentar as residências com objectivo de pesquisar sobre o assunto de prostituição que gira em torno da Residência. Vários foram os códigos de comunicação lançados em conversas como: ter relações com homens desconhecidos é uma tarefa desafiadora, e principalmente porque não existe aí um vínculo emocional.

Muitas das meninas que estavam dentro da conversa deram um aval positivo no que concerne aos códigos de comunicação. Já que o assunto em debate era o envolvimento nas relações extraconjugais que não só é frequente nos homens como nas mulheres, daí que não constitui tabu entre elas. Apenas ter o cuidado para manter em sigilo e levar a vida na maior normalidade, antigamente os homens é que iam a procura, mas actualmente as mulheres também vão, principalmente quando existem ganhos e benefícios, “ camarão que dorme a onda leva”. E ninguém tem direito de julgar a quem quer que seja, cada um é responsável pelos seus actos. O mais importante é a discrição quando se está envolvido nesse meio, e que de uma ou maneira ofusca a personalidade real.

Depois da prévia observação do fenómeno da prostituição nas residências, recorri a literatura que aborda o assunto em causa, e esta não discutia aspectos como prostituição dentro de casa e nas residências universitárias. Foi nesse momento que nasceu o meu interesse em estudar os relacionamentos e práticas de sexo transaccional entre um grupo de estudantes numa residência universitária da UEM.

Desta feita, tendo a prostituição como um fenómeno praticado por indivíduos pertencentes a um contexto cultural, é pertinente a análise antropológica porque esta possibilita-nos a interpretação dos aspectos culturais e aspectos simbólicos encontrados na prostituição. Como também, torna-se importante uma pesquisa antropológica nesse campo porque o posicionamento dos sujeitos que vivenciam a experiência da prostituição se constitui como fundamental para a elaboração de percepções sobre o tema. Esse facto foi evidenciado por autores como, Maria Paula Meneses e Boaventura de Sousa Santos (2009), ao sustentarem que toda experiência social produz e reproduz conhecimento. Com tudo, o saber depende de práticas e actores sociais inscritos em relações sociais dentro de uma determinada cultura, evidenciando que o conjunto de prostitutas é também produto de percepções e saberes sobre a realidade da qual participam.

1.2 Contextualização Histórica e Social das Residências Universitárias

Historicamente as Residências Universitárias foram criadas como alojamentos colectivos dentro da Universidade aquando da construção das primeiras Universidades Europeias. O conceito base era de que a aprendizagem é baseada na convivência como afirmam os autores Arnés & Sartori (2005) citado por (Delabrida, 2014: 11). Nesta ordem de ideia, Barbosa (2009) indica que estas casas surgiram precisamente no séc. XII e acolhiam estudantes oriundos de diversas regiões Europeias e que na sua maioria eram pobres sem condições nenhuma de suportar os seus estudos nas cidades para onde iam estudar.

No contexto brasileiro a literatura sobre as moradias universitárias, mostra alguma contradição no que diz respeito ao seu historial. Por exemplo, o estudo de Sousa & Sousa (2009) apontam que no contexto brasileiro foi a partir do ano de 1964, com o golpe militar, que as universidades passaram a incorporar as casas estudantis (Sousa & Sousa, 2009). Contrariamente a esse estudo Barbosa (2009) aponta que a mais antiga casa dos estudantes foi criada em 1876 e encontra-se localizada na Universidade Federal de Ouro Preto.

Costa & Oliveira (S/d) afirmam que, para a compreensão do surgimento das primeiras moradias estudantis em Brasil perpassa pela compreensão da dinâmica dos fluxos migratórios do país, e contextualização de seis momentos marcantes da história de moradias estudantis entre eles: a) o surgimento da primeira moradia estudantil do Brasil; b) a criação da Casa do Estudante do Brasil (Rio de Janeiro); c) a construção das primeiras moradias em Salvador; d) o primeiro grande fluxo migratório de estudantes para Salvador (1970); e) o segundo grande fluxo migratório de estudantes para Salvador (década de 1980) f) as actuais circunstâncias das moradias estudantis em Salvador.

No que concerne a primeira moradia estudantil, os autores afirmam que surgiu entre as décadas de 1850 e 1860² na cidade de Ouro Preto como resposta ao elevado número de estudantes e professores que emigraram para estudar e trabalhar na Escola de Minas de Ouro Preto na cidade Minas Gerais. E em 1929 foi fundada a Casa do Estudante de Brasil no Rio de Janeiro pelo casal Mendonça, esta moradia era destinada a estudantes que

² Segundo os autores não se sabe a data específica da sua inauguração, mas importa realçar que esta data entra em contradição com a apresentada por Sousa & Sousa (2009) e Barbosa (2009).

iam a Rio de Janeiro para uma temporada curta ou longa e que acima de tudo não tinham onde morar durante o período que ficassem lá (*idem*).

Em 1947 surgiu o esboço do primeiro sistema de moradias estudantis da Bahia, numa altura em que a Universidade Federal da Bahia adopta o sistema de internato para a Escola de Enfermagem da mesma Universidade. Ainda na região da Bahia foi inaugurada em 1956 a Residência Universitária Feminina da UFBA localizada no bairro de Canela. Em 1962 foi conseguida um casarão no Lago da Vitória que na altura serviu de alojamento para professores e estudantes que iam na região nos programas de intercâmbios com universidades estaduais (*idem*).

Segundo Barbosa (2009), foi a partir da década de 1970 que foram criadas a maioria das Casas de Estudantes das Universidades Federais do país, como o Alojamento Estudantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), localizado na ilha do Fundão. Em Pernambuco, no ano de 1971, é construída uma no campus universitário.

Na Paraíba a casa de estudante foi instituída no bairro Jaguaribe, chamada Residência Masculina, sendo transferida no ano de 1996 para o Campus da UFPB. A residência Feminina foi erguida no início do ano de 1970, no Centro de João Pessoa, que recentemente no ano de 2007 passou a ser chamada de Residência Feminina Camponesa e Educadora Elizabeth Altina Teixeira, em homenagem a esta mulher que é camponesa e educadora, que luta pelos direitos colectivos e dignidade humana (*idem*).

As moradias estudantis foram criadas com o objectivo de acolher estudantes e professores que emigravam de um contexto para outro. Uns com objectivo de estudar e outros com objectivo de docência, tanto na região mineira, na Escola de Minas de Ouro Preto, assim como na região da Bahia nas várias universidades existentes naquela região ou em Brasil de modo geral.

A elaboração do nosso problema de pesquisa tem como base a revisão de literatura feita. Verifica-se que as residências universitárias constituem um dos programas de assistência estudantil, mais relevantes, pois permite que os estudantes desfavorecidos economicamente tenham uma moradia durante o tempo necessário para a sua formação académica e profissional Araújo (2003); Barbosa (2009); Costa & Oliveira (S/d) e Delabrida (2014).

Os estudantes ao deixarem a esfera familiar e migrar para as moradias universitárias, deparam-se com diversos problemas, realidades distintas e desconhecidas que podem

dificultar a adaptação, ou até mesmo ser o factor motivacional para criação de um espaço de conflitos, agressões psicológicas e físicas entre os moradores, novatos e veteranos, que posteriormente podem influenciar na qualidade de vida, no rendimento académico destes estudantes e na vida profissional (Silva & Nunes, 2013; Sousa & Sousa, 2009; Barbosa, 2009; Delabrida, 2014), mas também têm a capacidade de promover a democracia e a ética no sentido da aceitação da diversidade cultural, sexual, racial, regional, política, e artística, garantindo o jeito a dignidade e a liberdade individual de todos (Costa & Oliveira, S/d) um verdadeiro programa de assistência estudantil com acções e serviços oferecidos que cria condições de permanência para a estudantes forasteiros.

Neste sentido, os autores reconhecem que há dificuldades de convivências dos estudantes chegados as moradias universitárias (Silva & Nunes, 2013; Sousa & Sousa, 2009; Barbosa, 2009; Delabrida, 2014), afirmam que há democracia, ética e boa convivência (Costa & Oliveira, S/d), porém não existe um verdadeiro programa assistencial estudantil (Araújo, 2003) daí que os autores não abordam a questão relacionada à prostituição praticada nas residências universitárias como estratégias de sobrevivência.

CAPÍTULO II

REVISÃO DE LITERATURA

A literatura analisa a questão das chamadas “trabalhadoras do sexo” a partir de quatro perspectivas, a primeira perspectiva centra-se nas causas que levam as raparigas a praticarem a prostituição (Braga 1982, Gomes 1996, Dimenstein 1992, Leite 2009). A segunda perspectiva de abordagem olha para práticas de actividades sexuais como sendo comportamentos de alto risco e que contribuem para a disseminação de doenças de transmissão sexual (Kreiss et al 1986, Peterson 1994). A terceira defende que as prostitutas procuram outra forma de existência e novas possibilidades de vida tendo algumas resistências as normas estabelecidas pelo estado (De Santana 1996; Do couto 2013). A quarta perspectiva sustenta que a prostituição é uma actividade marginalizada, ocorre em locais de risco e de violência (Alexandra 2013; silva 2010).

No decurso da primeira perspectiva, Braga (1982) aponta as causas que levam algumas raparigas a entrarem no mundo da prostituição. Braga sustenta que a maior parte das raparigas entram no mundo da prostituição quando chegam aos grandes centros urbanos como migrantes, iludidas pelo trabalho fácil, pelo dinheiro, pelo estudo, porém, associando-se tudo isto a desqualificação profissional, ao problema da documentação irregular e do analfabetismo, as oportunidades de emprego tornam-se cada vez mais escassas para essas jovens. Entretanto, a necessidade e a luta pela sobrevivência, são factores que contribuem para grande parte dessa juventude feminina optar pela prostituição como uma maneira aparentemente mais fácil de sobreviver.

Na mesma linha de abordagem, Gomes (1996), em seu estudo sobre a prostituição infantil, mostra que as meninas prostituídas fazem parte dos segmentos mais pobres da sociedade e os casos em que as mães têm que coloca-las em centros de acolhimentos são comuns.

Dimenstein (1992) enfatiza os argumentos de Braga (1982) e de Gomes (1996) ao dizer que as profissionais do sexo procuram a prostituição pela facilidade de ganhar dinheiro. Mesmo sem saber ler, escrever ou cozinhar, ou seja, sem qualificações, elas conseguem ter o que precisam vendendo seus serviços.

Leite (2009) crítica o posicionamento dos autores (Braga 1982, Gomes 1996 e Dimenstein 1992) afirmando que o grande problema de ser prostituta é a relação com o sexo, pois todos nós vendemos parte do nosso corpo.

[...] O maior preconceito é porque trabalhamos com sexo. Sexo é o grande problema, é o grande interdito das pessoas. E nós trabalhamos, fundamentalmente, com fantasia sexual, esse é o verdadeiro motivo da existência da prostituição. É um campo imenso. É uma babaquice dizer que só puta vende o corpo! E vender sua cabeça, quanto custa? O operário vende o braço, quanto custa? Todo mundo vende sua força de trabalho, que está em seu corpo (Leite, 2009: 14).

Os estudos realizados por Kreiss et al (1986), constataram que o grande número de profissionais do sexo no continente africano está contaminado pelo HIV e esta epidemia pode estar relacionada ao baixo índice de utilização do preservativo por parte das profissionais. Portanto afirma nesta segunda perspectiva que a prostituição é que contribui para o aumento do risco de transmissão das DTS's/SIDA

Com o advento dos testes serológicos para detecção do vírus, diversas pesquisas foram realizadas entre prostitutas, com a finalidade de investiga-las enquanto grupo de risco para transmissão do HIV. No entanto, nenhum destes trabalhos conseguiu mostrar conclusivamente que a prostituição por si só, estivesse associada a infecção pelo HIV, (Peterson, 1994).

A partir da IV Conferencia Internacional de SIDA, realizada em Estocolmo, no ano de 1988, inúmeras pesquisas apresentaram dados suficientes para contestar a conceituação da prostituição como grupo de risco para o HIV. Talvez o mais importante destes trabalhos tenha sido o de Wofsy (1990), realizado em sete cidades americanas, o qual sugere que o risco para infecção por HIV entre prostitutas está associado com as actividades sexuais com parceiros não pagantes. Estes estudos introduziram também o conceito de actividade ou comportamento de risco, que pouco a pouco foi substituindo o conceito anterior de grupo de risco (Peterson, 1994).

A prevalência da infecção por HIV nestes grupos varia consideravelmente, segundo a região geográfica, factores socioeconómicos e culturais. Kreiss *et al.* (1986) consideram que algumas regiões da África, desde a década de oitenta, existem evidências da transmissão do HIV de profissionais do sexo com seus clientes e vice-versa. Um estudo

realizado no continente Africano verificou que, a prevalência da infecção por HIV entre clientes masculinos e profissionais do sexo por este vírus foi de 1,4%, enquanto a probabilidade de infecção cliente-profissional foi de 6,7%.

Este dado revela uma realidade pouco conhecida, e pouco explorada. Face a esse aspecto Até que ponto são as profissionais do sexo responsáveis pela disseminação do vírus, e na sua maioria vítimas ou alvo da evolução da epidemia em direcção ao sexo feminino?

Para Peterson (1994) a tendência actual é de encarar as profissionais do sexo como um grupo altamente exposto a contaminação pelo HIV e utilizar estes grupos nos estudos de vigilância sentinela, com o intuito de monitorar o comportamento da epidemia do HIV. Estes estudos associam as doenças de transmissão sexual com os trabalhos sexuais como a principal causa de transmissão de HIV/SIDA.

No decurso da terceira perspectiva, o estudo feito por De Santana (1996:10), sobre a prostituição feminina em Salvador no período estudado, defende que as vivências sexuais das prostitutas possibilitavam a essas mulheres um relacionamento com maior intimidade corporal com os namorados, amantes e clientes em diferentes ambientes, as interdições que pareciam sufocar as moças honestas, pertencentes a famílias abastadas e seguimentos médicos da população *soteropolitana* não atingiam as meretrizes.

O autor acrescenta ainda que, as prostitutas apresentavam comportamentos diferentes perante seus namorados, amantes e clientes. Isso porque era possível aventar a possibilidade de que algumas meretrizes desejassem vivenciar certas práticas que diferenciam as relações com seus clientes das que mantinham com seus amantes, se as prostitutas mantinham quotidianamente contacto físico com homens isso não impedia que pudessem desejar experimentar rituais de namoro com seus *xodos* (Santana, 1996: 11).

Para Do Couto (2014) as mulheres prostitutas ao repensar em suas vidas e gerir novos caminhos, elas criaram dobras na linha do poder, se reinventando e produzindo novas formas de existência, novas relações consigo mesmas e com os outros, na busca de novas subjectividades e possibilidades para a cidade de Pouso Alegre, destruindo as velhas pontes e cortar elos com um passado que já não cabe mais nos novos tempos.

Os estudos acima analisados, por olharem as prostitutas de forma homogénea, perdem de vista a forma e o lugar onde são desenvolvidas as actividades sexuais. Diferentemente

dessa perspectiva, a quarta olha para a prostituição como uma actividade marginalizada que ocorre em locais de risco e violência.

Como refere Alexandra (2013) nos seus estudos sobre representações sociais de prostitutas e a regulamentação da profissão. Sustenta que, as representações sociais das prostitutas estão ancoradas na própria vivência do trabalho precário, informal, caracterizado por diferentes tipos de violência, desde aquela sofrida pelo corpo fora do desgaste e adoecimento nos riscos, principalmente até as formas simbólicas tais como a humilhação, a submissão, estigma e sofrimento.

A autora acrescenta ainda que, a prostituição até poderia de certa forma ser considerada como trabalho, se quiséssemos entender este trabalho exclusivamente como estratégia de sobrevivência, mas nunca como profissão, (Alexandra, 2013).

Em relação as políticas de regulamentação da prostituição, a autora advoga que, elas não atendem aos anseios das prostitutas, porque não foram ouvidas, não tiveram voz, não participaram efectivamente de sua construção, e mesmo desconhecendo as particularidades de cada política, as prostitutas recusam unanimemente a regulamentação da prostituição. Para estas, regulamentar a actividade seria aprofundar o estigma, dificuldade de sobrevivência dentro da prostituição, (Alexandra, 2013).

Esse posicionamento das prostitutas é corroborado por Silva (2013) nos seus estudos sobre o trabalho das profissionais de sexo em diferentes locais da cidade de Paraíba, ao mostrar que a profissão propicia prazeres e o sustento, porém existe a prática da violência contra as prostitutas, os quartos onde realizam o programa são insalubres, com diversos factores de riscos. O uso do preservativo é negligenciado em diversas situações, o que potencializa o risco de contrair DST'S/Aids. Com esse trabalho as prostitutas demonstram sofrimento, configurado por angústia e desprezo.

Os pressupostos levantados por esta abordagem, nos permite compreender que as referidas prostitutas lutam pela sua visibilidade, mesmo estando a viver num contexto em que o sistema vigente oprime outras formas de sexualidade.

2.1. Prostituição no Contexto Moçambicano

Em Moçambique a prostituição é um fenómeno que deriva de factores políticos, sociais, e económicos. Os primeiros casos de prostituição em Moçambique remontam ao período colonial. Com a descoberta das minas de Ouro na terra do Rand e a construção de linha férrea para o Transval, os diamantes de Kimberly que, por volta de 1980 Lourenço Marques conheceu um movimento de homens provenientes de vários pontos geográficos que arriscavam as suas vidas em busca de melhores condições de vida longe de suas famílias, (Muianga, 2009).

Nessa perspectiva, o autor acima citado defende que nesse período a ideia de bar servia de cobertura para a negociação do amor carnal. O bar continha álcool e mulheres que se vendiam em leilão por cima das mesas dos bares, oferecendo-se ao cliente que mais libras pagasse. As mulheres que se prostituíam nesses lugares eram em princípio de origem europeia, recrutadas de países como, Portugal, França, Itália, pelos proprietários dos estabelecimentos mais aparatosos.

Silvestre (2010) advoga que nos últimos anos o exercício da prostituição ganhou maior visibilidade incluindo menores que comercializam o sexo de forma aberta nas artérias da cidade de Maputo. O projecto de Geração Biz em Maputo, estima que existem cerca de 30.000 Trabalhadoras de sexo em Moçambique, mais de 40% das quais com idades compreendidas entre 15 e 29 anos de idade, e cerca de 5000 trabalhadoras de sexo com idades entre 12 e 30 anos de idade de acordo com a estatística.

Referir que, é frequente observar-se o fenómeno da prostituição da rua na província de Tete, no quotidiano nocturno, em locais, como o Complexo / Motel Mtundzi-Distrito de Moatize localizada na beira da estrada principal, que serve de corredor entre a província de Tete e os diversos Países fronteiriços como o caso de Zimbabwe, Malawi, e província da Zambézia, também é possível observar o fenómeno em algumas discotecas da capital de Tete, como são os casos do Complexo Desportivo, Barracas da Cidade e Rua dos Macondes, (Muianga, 2009).

Segundo Muianga, (2009) na rua dos Macondes em Tete, a prostituição não é necessariamente uma prática de risco face a infecção pelos Vírus do HIV/SIDA. Por outro lado, ela é também uma actividade dinamizadora de prática sexual insegura e de promoção de saúde sexual pública, diferentemente da esfera de sexualidade privada onde as práticas

sexuais decorrem sem adoptarem medidas preventivas contra as DTS'S, por razões emocionais e de confiança estabelecidas entre parceiros de sexo fixo.

Um outro estudo realizado na região sul de Moçambique, concretamente na Cidade de Maputo na Rua Olof Palme efectuado por Tinta (2013) defende que nesse local as profissionais do sexo entendem e percebem os riscos e adoptam estratégias defensivas com os mesmos no seu local de trabalho. Provou-se também, através da observação directa dos discursos bem como a partir das actividades das profissionais que os riscos decorrentes das suas actividades são lidas tendo em conta o seu contexto social.

Nesse sentido, o estudo realizado na província de Maputo, na Cidade da Matola, com o tema trabalho, lazer e sensualidade numa oficina mecânica de automóvel em Kassi - Kassi, demonstra que o local não era apenas visitado somente por clientes homens que levavam os seus carros a reparação. Era frequentado também por mulheres não clientes da oficina que procuravam parceiros sexuais de “ vida estável” momentâneas ou para “ vida inteira” Esta pratica não acontecia somente nas noites, (Alberto, 2013: 27).

Dessa pesquisa etnográfica, concluiu-se que a oficina sendo um espaço de reparação de viaturas é tomada em simultâneo como um espaço de lazer, sedução associados a actividade sexual pelos clientes homens e frequentado por mulheres não clientes da oficina nas horas normais de expediente, (idem).

Das aferições acima feitas, levantamos a seguinte pergunta de partida: o que faz com que as estudantes universitárias tenham comportamentos associados à prática da prostituição?

CAPÍTULO III

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

Torna imperioso em qualquer pesquisa demonstrar o seu quadro teórico, desta feita este trabalho não foge a regra. Nesse sentido, o trabalho é guiado pela teoria fenomenológica pertencente a escola norte americana segundo Schutz (1979) a teoria fenomenológica defende que as acções dos actores sociais devem ser consideradas como produto das actividades interactivas dos agentes orientados na base dos símbolos culturais, económicos ou políticos de um determinado contexto social, resultando daí uma compreensão dos significados sociais, históricos e das acções por qualquer um dos agentes envolvidos na interacção dando sentido as suas práticas.

Na mesma óptica, Ferreira (1995) sustenta que a teoria fenomenológica privilegia o estudo do sentido que os actores sociais atribuem a sua própria prática social, rompendo com as tendências objectivantes que os sujeitos atribuem a sua acção como reflexo das determinações da estrutura social.

Nessa senda de ideia, a teoria fenomenológica dá importância as actividades desencadeadas pelos indivíduos no seu quotidiano que na verdade não passa de uma pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para realizar, e ao mesmo tempo dar sentido suas acções diárias das quais fazem parte, conversar, comercializar, prostituir. Esta teoria coopera constantemente num vaivém entre a observação directa e leitura compreensiva dos dados disponíveis e faz descrição efectiva da essência do fenómeno.

Com base na teoria usada no presente estudo, inferimos que as estudantes da residência universitária que são actores sociais nas suas interacções possuem e desenvolvem capacidades interpretativas que utilizam para fazer e dar sentido ao mundo para o qual contribuem activamente.

Deste modo, a teoria fenomenológica utilizada neste trabalho, permitiu-nos entender que o mundo imaginário de alguns grupos sociais, é presente nas estudantes da residência Universitária na Cidade de Maputo.

3.1. Conceitos

Nesta secção do trabalho apresentamos os principais conceitos que usamos para compreender e fazer a leitura do nosso objecto de pesquisa. Nesse sentido, levantamos os seguintes conceitos: Prostituição e sexo transaccional, Representação social, e Práticas sociais.

3.1.1. Prostituição e Sexo Transaccional

De acordo com Piscitelli (2004), define-se a prostituição como um acto consciente que envolve práticas, relações, desejos e valores constitutivos de um universo marcado por trocas económico-sexuais.

Da Silva *at al.* (2010), prostituição refere-se a prática de comercializar o serviço sexual, através do prazer, fantasias, sexo, carícias, etc. É exercido mediante negociação directa com cliente sobre os serviços a serem prestados, e os preços variam de acordo com a performance do profissional.

Já no entender de Goffman (2002), a prostituição é fruto das transformações sociais decorrentes no início da revolução industrial na Europa no século XVIII, como resultado do processo do êxodo rural, migração e de outros associados. Por isso, a prostituição antes de ser um acto desviante é de facto um problema que começa com o desenvolvimento das sociedades e das cidades.

3.1.2. Representação Social

Para Abric (1998) representação social é produto do processo activo de apropriação da realidade por meio de uma elaboração psicológica e social.

Esse pensamento é também defendido por Macamo (2004) ao evidenciar que representação social é um conjunto de conceitos, frases, explicações originadas na vida diária durante o curso das comunicações interpessoais.

Nesse trabalho usamos o conceito de representação social adoptado por Jolede (1989) como forma de mostrar as modalidades de conhecimento prático orientadas pela comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos

como contribuição para a construção de uma realidade comum que possibilita a comunicação.

Para Spink (1993), as representações são essencialmente fenómenos sociais que mesmo a cessados a partir do seu conteúdo cognitivo, tem de ser entendidos a partir do seu contexto de produção.

3.1.3. Práticas Sociais

Práticas sociais são actividades ou conjunto de acções significativas para o sujeito, elas resultam da aceitação de uma relação de reciprocidade entre as representações e práticas sociais, actuando ambos como um sistema que gera, justifica e legitima o outro.

Para Almeida e Santos et al (2000) falar de práticas sociais refere-se a um processo interactivo em que o sujeito, objecto e grupo social não podem ser considerados isoladamente, mas sim como um jogo de interacções que as práticas se consolidam, adquirem significados, e são re-significados e impregnados por valores e afectos.

CAPÍTULO IV

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Partindo da ideia que o método é um conjunto de caminhos percorridos para a materialização de um determinado objectivo, neste capítulo, apresentamos os métodos e as técnicas usadas para a obtenção de dados que irão fazer face à nossa pergunta de partida.

4.1. Método

O presente trabalho empregou o método qualitativo, que possui a particularidade de captar sentimentos, emoções, opiniões sobre um determinado assunto, por considerar que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Nela os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. Para Minayo e Sanches (1993), a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenómeno.

Faz parte da pesquisa qualitativa a obtenção de dados descritivos mediante contacto directo e interactivo do pesquisador com a situação do objecto de estudo. O pesquisador, procura entender o fenómeno segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e a partir daí procede a interpretação dos fenómenos, (Belin, 1996).

4.2. Técnicas de recolha de dados

Para a recolha de dados foram aplicadas as técnicas de observação que pressupõe ver, ouvir e escrever o que acontece no seio do grupo onde é feita a pesquisa e o uso de conversas informais e entrevistas semi-estruturadas, e histórias de vida.

As técnicas de conversas formais e informais usadas neste estudo possibilita a forma de complementar os dados recolhidos a partir da observação e as entrevista semi-estruturadas por sua vez, permitirão colocar questões que me possam ajudar a esclarecer aspectos pouco claros ao longo da observação, (Boni et al, 2005).

No processo das entrevistas, optámos por entrevistar os principais intervenientes do fenómeno da prostituição nesse caso as estudantes, sem discriminação no que concerne à faixa etária e a cor da pele.

O método começa à partir do desejo do entrevistado em contar o seu percurso de vida, daí que se pede ao sujeito que conte a sua história de como achar melhor. O método de história de vida tem como objectivo mostrar a realidade vivida pelo sujeito, como forma de compreender o universo na qual ele está inserido, Gaulejac (2005).

Para Quivy e Campenhoudt (2003) a observação abrange todos os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, sendo que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações no local onde pretende estudar. Contudo procuramos observar a interacção entre as estudantes com práticas associadas a prostituição no seu espaço de convívio.

4.3. Fases da Realização do Trabalho

O trabalho foi realizado em duas etapas complementares, a primeira fase ocorreu em Novembro de 2015 e prolongou-se até Março de 2016, a elaboração do trabalho consistiu na consulta bibliográfica e documental na biblioteca Central Brazão Mazula e no Departamento de Arqueologia e Antropologia da (UEM). Adicionalmente, consultei artigos e estudos feitos em outros países (Dissertações de Mestrado e Monografias) e artigos retirados da *internet*.

A segunda fase foi da pesquisa etnográfica, decorreu entre os meses de Julho até finais de Outubro de 2016 na Residência Universitária da UEM (Tangara). Nesta fase observei, conversei com as participantes deste estudo nas residências, na faculdade, locais de lazer habitual. O nº de alunas com quem conversei no total foram 10 e todas elas eram da mesma residência, más de blocos e repartições diferentes. Nesses lugares eu prestava atenção na maneira de como se apresentavam no vestuário, que se falava, como eram as conversas soltas e com quem conversavam. Por fim foi a análise e sistematização dos dados.

4.4. O local do Estudo

O local de estudo cita na cidade de Maputo têm como referência Bairro da Coop, Rua da França. Nesse percurso encontramos prédios e vivendas habitacionais, tipo empresas e por fim chegamos ao portão principal de entrada para Universidade Eduardo Mondlane e do lado esquerdo é visível o prédio Residencial e ao lado encontramos a escola Superior de ciências do Desporto (ESCIDE).

4.5. Constrangimentos e sua Superação

Durante a pesquisa deparei-me com dois constrangimentos. O primeiro aconteceu no contexto da pesquisa: depois de participar em uma conversa com uma colega que falava sobre a vida na residência, procurei saber se ela estaria em condições de falar sobre o seu percurso de vida desde que entrou na academia. Esta zangou-se comigo alegando que eu estivesse a chamar lhe de “*garota de Programa*” Indirectamente com tudo pensei em desistir de fazer estudo sobre prostituição nas residências universitárias.

Para superar esse constrangimento recorri a um grupo de amigas que viviam nas residências universitárias. Nas sextas-feiras, depois do regresso das aulas ficávamos dentro de um dos quartos e falamos sobre a vida na residência. Numa dessas conversas falava-se sobre meninas que viviam bem na residência. Uma delas disse: *toda mulher bonita pode muito bem viver e bancar seus estudos, caprichos sem nenhum stress..; desde que seja esperta*. Ela comentou sobre algumas meninas que viviam bem e que tinham mais de um parceiro ou namorado.

A partir das conversas foi possível evidenciar as estudantes que possivelmente se envolviam com mais de um parceiro, apesar de não ter sido fácil. Elas, por sua vez, em conversa afirmaram que:

A Melina aparenta ser como uma das manas que se vende na esquina da rua da França!
Pois temos visto homens diferentes com ela.

Em resposta: eu não sou igual a elas, porque não fico nas esquinas avulsa a penas tenho pitos que vem aqui na residência para conversamos se possível nos envolvemos. Consigo meu taco assim! Alguns quando vem trazem roupa, comida e dinheiro, dai falo com minhas colegas do quarto para darem-me algum tempinho só com o fulano e a vida anda... Risos

Portanto foi assim que consegui identificar as estudantes que praticavam a prostituição dentro e fora da residência universitária e não tinham nenhum problema em falar sobre o assunto desde que não mencionasse os nomes.

O segundo constrangimento era referentes as férias na Faculdade. Nesse período muitas estudantes voltam para sua terra natal e outras vão para casa dos seus familiares residentes em Maputo e isso dificultava a minha pesquisa.

Para superar a esse constrangimento, eu por vezes tinha de recarregar o celular para saudar, fofocar, contar novidades e mediante as conversas prestava atenção em tudo que cada uma delas falava, e comentavam das outras colegas e das suas amigas, que estavam ao redor da cidade do Maputo. Por vezes conversamos em locais de lazer como Jardim dos *Madjermas* onde têm lá vários lugares para arejar, e outros etc.

CAPÍTULO V

RESULTADOS DA PESQUISA

4.1. Causas que Influenciam as Estudantes a ter Comportamentos Associados à Prostituição

Para mim isso começou quando tive uma discussão com minha colega do quarto, insatisfeita pelo uso constante e frequente da chaleira dela, e geleira onde eu colocava as minhas coisas isso já me fartava, algumas colegas do meu quarto em conversa perguntaram quanto eu ganho de mesada de casa, eu disse que mensalmente recebo 3500MT. Elas disseram que é melhor arranjar outras formas de se virar procura pitos parciais, vende para homens de forma silenciosa, (Hegren,24 anos de idade).

Este trecho da participante demonstra a principal razão de entrada para o mundo da prática de comportamentos associados a prostituição. Entretanto, as causas na qual o trecho traz apontam a deficiência financeira, deste modo a mesada fraca que não permitia ter electrodoméstico que as pessoas na qual convivia no mesmo espaço adquirirão, isso constituía elementos de estratificação social e motivado de brigas, caso específico do quarto. Deste modo, a causa não se resume apenas na deficiência financeira para competir com as colegas ao seu redor más por influências das estudantes que achavam que a prática da prostituição seria uma das soluções para eliminar as suas deficiências financeiras na qual a mesma esteve submetida.

Viver no lar não é fácil, temos que ter em mente que muitas de nós viemos para estudar e sempre na expectativa de colher bons frutos e merecedores, primeiramente porque estamos num lugar onde acolhem pessoas de diferentes províncias, culturas e hábitos diferentes. Daí que engrenamos nessa vida como forma de integração que por vezes é escandalizado, quando tu não sabes que vens cá fazer! Viver no lar de estudantes onde existe liberdade total e cada uma é dona do seu nariz a primeira vista é estranho. Tenho um grupo de amigas que reside cá a 2 anos atrás e elas fazem parte do meu dia-a-dia, somos uma família, compartilhamos muita coisa juntas, Graças a Deus quando cheguei, no quarto em que me encontro tem geleira, microondas, chaleira eléctrica o básico para uma boa estadia sem preocupações. Em comparação com os outros quartos fiquei surpresa

pelo facto de encontrar quase toda mobília completa no meu quarto, tendo em conta que todas viemos de famílias humildes.

Mas no decorrer do tempo fui percebendo que o dinheiro que cada uma tirava para o rancho mensal nem todo efluía de nossos parentes, nalgum momento minhas parceiras acabaram abrindo o jogo comigo, disseram: olha, nós somos amigas parceiras em tudo, mas a realidade é que não só sobrevivemos de nossas mesadas, era versado que todas tinham namorados, porque os conhecia durante o tempo de convivência. Embora tivessem *pitos* não imaginava que esses, eram responsáveis pelo bom nível de vida que elas tinham. Foi assim que acabei engrenando e sempre tínhamos dinheiro na carteira, para futilidades tec., (*Didi, 23 anos de idade*).

Este depoimento da participante, demonstra que o seu processo de integração na residência universitária não foi simples, mas sim complexo porque não só envolvia relações sociais estáveis com as suas amigas, também fazia parte de integração práticas que são associadas a prostituição não qual foi percebendo com o tempo que as condições de alimentação de boa qualidade não se resumiam no valor da mesada enviada pelos progenitores, mas de relações amorosas e sexuais com indivíduos que detêm um poder económico que equilibrava o nível de vida.

Nesse sentido, as tentativas de explicação para a participação de mulheres no mercado sexual centram-se somente em argumentos, económicos e competitividade financeira entre colegas do quarto, para justificar uma dita queda moral à partir de ideias de extrema pobreza ou de absoluta falta de oportunidade. Segundo Silva (2010), defende que o trabalho do comércio são esferas possíveis para se aproximar da prostituição, mas além disso, é preciso compreende-lo na esfera cultural, como um espaço de práticas, experiências e também um espaço de sociabilidade de sujeitos especialmente por mulheres. Contudo, a prostituição é construída socialmente e deriva de significados atribuídos as alternativas de vida existente.

4.2. Formas de representação das estudantes associadas à prática de prostituição

Este sub-capítulo procura explicar diferentes formas de lidar e se representar das estudantes universitárias com os colegas do quarto e da Faculdade.

Bem todas nós temos cuidado de não nos expormos, com os nossos amigos (pitos), a maior parte dos encontros acontecem nos *txilings* que temos, festas privadas, muito longe daqui da residência para evitar constrangimentos choques com os colegas. Sempre que chega 6ª feira, nunca temos falta de festa ou baladas para curtir, e temos que usar roupas bonitas que atraem a maior parte dos homens, corres que chamam atenção nesses ambientes, dificilmente vamos com nossos namorados, sempre acompanhadas pelos nossos *pitos* parciais, porque eles é que pagam a conta e quando nos trazem de volta sempre voltamos com algum dinheiro, aliás quando estamos lá cada uma curte a vibe dela com a pessoa que esta. Só nos reencontramos já quando a noitada termina na madrugada, (*Edna, 25 anos de idade*).

Neste trecho conforme nos prova, as estudantes universitárias tem diferentes formas de lidar com questões de práticas e comportamentos associados a prostituição. Nesse sentido, elas procuram ter representações sociais diferentes em função do espaço, da época e das amizades, por exemplo na faculdade onde têm pessoas com uma conduta considerada boa na sociedade, elas evitam ter comportamentos que estão associadas a prostituição, para evitar pôr em risco a sua reputação como estudante na residência e na Faculdade.

No mesmo diapasão pode se notar que as suas relações amorosas têm significados diferentes com as pessoas que se relacionam, elas se envolvem com dois tipos de homens: têm os que elas amam, o considerado normal o tal namorado na qual o amor é complexo, este não só envolve-se o amor carnal mas também o espiritual, sentimental que lhe permite ter comportamento bom, e os ditos pitos que têm esse papel de parcial são considerados os que ferem a moralidade pública e que contribuem apenas para sua estabilidade económica, entre eles só existe amor carnal não sentimental. Contudo, as estudantes têm representações sociais de carácter dinâmico e relacionam a sua trajetória do grupo que elaborou. Elas são fruto de um processo actuante, desencadeado pelas acções colectivas dos indivíduos, daí que implica um reflexo nas relações estabelecidas dentro e fora do grupo no encontro com outros indivíduos ou outros grupos sociais, (De Araújo, 2008).

Depois da análise do depoimento acima mencionado, segue-se o outro depoimento que procura mostrar as formas que essas estudantes têm de lidar com essas prática associadas a prostituição.

Os homens que se envolvem comigo procuro fora, apesar de ser conquistada por vários docentes prefiro não me envolver com eles em algum momento, porque tu perdes credibilidade e ganhas má fama. Algumas colegas minhas já se envolveram com docentes que no momento elas imaginavam que seria sigilo total, más acabamos sabendo com outros docentes que por vezes nos avistávamos em noitadas e pela ousadia e indiscrição deles perguntavam por nomes de amigas que nós conhecíamos em conversas soltas etc., a primeira impressão achamos estranho também porque nenhum docente procura saber de qualquer aluna fora do espaço estudantil assim do nada. (*Nelsinha, 26 anos de idade*).

A forma de lidar com práticas associadas a prostituição, varia de pessoa para pessoa, segundo esta participante a sua forma de se representar vai em função do local, neste caso a mesma considera o espaço universitário, a residência universitária, a Faculdade onde estuda como um espaço de dignidade, moral e não permite que seja um espaço para estabelecer outro tipo de relações que podem contribuir para má interpretação da sua personalidade em quanto estudante, para os colegas que a rodeiam e fazem parte do mesmo grupo onde a mesma se identifica como colega. Sendo assim, a sua escolha para essas práticas são efectuadas fora do alcance dos colegas da Faculdade e de alguns docentes que convivem no mesmo espaço na academia.

Dai que, as estudantes possuem regras, ideias e elaboram informações próprias ao longo da sua história e sob o reflexo das diferentes relações que estabelecem. Nesse processo a sua identidade se constrói, dando-lhe especificidade.

Olha a maioria de nós faz essas coisas fora da residência, porque esse espaço merece respeito. Não é para fazer essas cenas de prostituição cá porque ficas *matreca* com os colegas da residência e isso pode transvazar para Faculdade. A maioria de nós não se envolve com crianças, sim com pessoas mais velhas, que soltam dinheiro, se uma de nós têm um jovem nem precisamos perguntar logo já sabemos que é o namorado. Pode parecer algum desprezo para quem vê inicialmente mas não, é claro que não iremos casar ou formar família com homens mais velhos. Todas nós temos brincadeiras más quando se trata de formar família será com um jovem.

Bem onde têm acontecido o envolvimento sexual é relativo, isso depende do casal e do momento. Existem pitos que tem casas próprias e por vezes optávamos por ir ao hotel tanto faz. Não somos todas que aceitamos ir as pensões por serem lugares vulgares e com uma higiene duvidosa, apesar de serem muito poucas as opções com lugares baratos. No entanto o envolvimento sexual acontecia dentro do carro antes de interditarem o lugar de frequência, nesse caso o ponto de encontro era no dito “jardim dos amantes”, que fica na marginal, (*Susu, 24 anos de idade*).

Neste trecho o depoimento da nossa participante, aclara a sua forma de se representar diante dos seus colegas do quarto e da residência, facto que ela mesma procura se comportar com respeito dentro da residência universitária por se tratar de um lugar de integridade pública, o que permite ter honra pelos seus colegas da residência e da faculdade. Portanto a sua vida associada a pratica da prostituição, a obriga a submeter-se a praticar o acto sexual em lugares impróprios, e por vezes correndo riscos no que concerne a saúde pública, deste modo a luta pela sobrevivência no meio urbano para ela faz-se usando outros recursos que é o uso do seu corpo para manter um nível de vida sustentável sem que ponha em causa a sua integridade como estudante que provem de família humilde e religiosa em alguns casos.

4.3. O Quotidiano destas Estudantes

Falar do dia-a-dia das estudantes da Residência Universitária que têm comportamentos associados à prostituição é complexo, pois cada estudante tem a sua rotina diária, cada uma vive seguindo os seus objectivos e o respectivo curso.

Nesse sentido, as que entram no período da manha, acordam as 6 horas da manhã tomam banho, escovam dentes, vestem, matabicham na colmeia II e vão a faculdade as 06:50 minutos quando é possível tomar o pequeno-almoço, normalmente a entrada na sala é as 7:00 horas e termina as 11:50h.

As do período da tarde, até as 7:30h já se levantaram, e nos dias que têm trabalhos da escola aproveitam e fazem nesse intervalo, nos dias livres que a matéria e pouca fazem os trabalhos domésticos, lavar, passar engomar etc. geralmente não são todas que têm o hábito de fazer as suas refeições fora da residência, apesar de existir um refeitório de acesso para todos os estudantes.

A volta das aulas trocam-se, de modo a organizarem o seu almoço de acordo com suas preferências e que pode ser também opção das outras colegas. A preparação das lições estudantis são efectuadas todos os dias a partir das 22:00h até as 02:00h, a preferência por essas horas para leitura tem a ver com aspecto de ser uma hora mais calma, tranquila e que permite ter uma compreensão dos textos de cada cadeira. Portanto essas são as práticas diárias das estudantes que têm prática associadas a prostituição.

Todas Sextas a partir das 17:00h são sempre dias muito importantes por ser início de fim-de-semana para descansar, ir a balada com os parceiros parciais, e tirar o *stress* da semana etc.... A saída para as baladas ou festas normalmente dura toda a noite, e o regresso é no sábado as 05:00h ou 06:00h mais tardar para descansar, e não serem vistas pelos colegas da residência, pois pode levantar várias suspeitas. Tendo chegado a casa as mesmas repousam nas suas beliches para ganhar forcas perdidas durante a noite com os seus parceiros parciais. O domingo a partir das 7:00h, algumas vão a igreja rezar, agradecer a Deus, pois dizem que sempre tiveram cultura mesmo antes de saírem de casa.

No regresso cada uma retoma as suas actividades, algumas vão visitar suas amigas, seus parentes, tomar um lanche e ir ao teatro se possível. Sem se esquecer de organizar o vestuário que possivelmente será para toda semana, geralmente essa arrumação começa já no fim do dia de Domingo.

Portanto este sub-capítulo vem mostrar que acima de tudo estas estudantes procuram levar uma vida normal como uma qualquer pessoa, independentemente dos seus actos ou práticas têm direito e deveres de inserção na sociedade. Embora essas práticas afirmam elas, não são comparadas com as que ouvimos e vemos no nosso dia-a-dia porque afirmam ter noção do que fazem e procuram preservar a sua imagem que é o mais importante porque no fim do dia, daqui a 4anos serão licenciadas. Apenas o que têm em comum é a troca de favores, valores, bens e o corpo que sofre uma comercialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo a Residência Universitária N° 7, da Universidade Eduardo Mondlane, especificamente a do “Tangará” como campo de análise, aliado aos métodos e técnicas que nos permitiram a sua elaboração, foi possível perceber os relacionamentos e práticas de sexo transacional nessa residência localizada na Cidade de Maputo, especificamente: identificar e caracterizar as causas que influenciam as estudantes a ter comportamentos associados a prostituição, identificar as formas de representação e por fim descrever o quotidiano das estudantes. Face ao questionamento, constatou-se que as estudantes procuram ter essas práticas pelo factor primordial a falta de condições financeiras.

No que concerne as práticas, as entrevistadas afirmam que quando tiveram o primeiro contacto com as instalações da residência nunca imaginavam que esse tipo de acções ou actos pudessem acontecer com elas, principalmente por ser um lar estudantil que recebe várias meninas e meninos das diferentes províncias do país e do estrangeiro, onde cada um vem carregado de valores instituídos dentro de suas famílias. Porém, algumas começam a se envolver nessa vida e acabam apresentando percepções diferentes de como lidar com o assunto.

Aliando esta análise a posicionamentos de Goffman (2002), percebemos que a prostituição é fruto das transformações sociais, decorrentes do resultado do processo do êxodo rural, migração e de outros problemas associados. Assim sendo, a prostituição antes de ser um acto desviante, é de facto um problema que começa com o desenvolvimento das sociedades e das cidades, onde estes estudantes encaram uma nova realidade.

Contudo, notamos que são diferentes as causas que fazem com que elas engrem nesse mundo da prostituição estudantil, algumas apontam a insuficiência de valores como forma de justificar a sua entrada nesse mundo, a falta de mobílias e electrodomésticos de base dentro dos seus quartos, nalgum momento permite que estas sejam discriminadas pelas colegas que já as possuem, mesmo recebendo a mesada dos seus pais, não chega a cobrir esse vazio, e outras pelo simples facto de querer ter sempre algum valor na conta para quaisquer eventualidade, saídas repentinas, e pela ostentação: vestir bem, comer bem, andar sempre cheirosa e com os cabelos importados e bem organizados.

Assim sendo, algumas estudantes que estão nessa vida valorizam o dinheiro, bens alimentícios e presentes que adquirem dos seus parceiros parciais, sem se importar com os

comentários a nível da residência e do próprio bloco, desde que elas estejam bem e saudáveis, no que concerne ao risco de transmissão de doenças infecciosas, elas afirmam manter o cuidado de ter relações sexuais protegidas, pois, alegam que ainda têm muito por viver e que se submetem a esta vida, apenas por um tempo determinado.

Outra constatação é que, a maior parte delas são comprometidas, no entanto, não demonstram aos seus parceiros que, por de trás de tudo se comportam como “prostitutas de luxo”.

Na Residência já distante dos pais, a liberdade destas, depende da qualidade, possibilidades, facilidades incluindo as dificuldades de realização dos seus intentos, assim como da importância que tenham em relação à outra nos planos de vida. Em relação a identidade, para elas estão abertas ou fechadas do valor que a sociedade atribui a estas. Neste contexto, a teoria fenomenológica de Ferreira (1995) consolida o sentido que os actores sociais atribuem a sua própria prática social, rompendo assim as tendências e objectivos que os sujeitos atribuem a sua acção como reflexo das determinações da estrutura social.

Assim sendo partindo dos resultados apresentados percebemos que em alguns casos a deficiência financeira nem sempre é o factor condicionador para a inclinação destas nessa vida, más dentro dessa esfera rodam estratégias e várias interpretações dos agentes, que na sua maioria acabam construindo sua dinâmica de vida mediante o contexto social em que estão inseridas.

Este trabalho por ser de carácter exploratório os estudos não se consideram esgotados, com base nessas informações consideramos de suma importância ampliar a análise e produção de documentos e artigos que possam abranger vários campos de estudos sobre os tipos de prostituição existentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberto, M. C. 2013. *Trabalho, lazer e sensualidade numa oficina de mecânica de automóvel em Kassi-Kassi na Matola*. Maputo: UEM Tese de Licenciatura em Antropologia.
- Abric, J. C. 1998. “A abordagem estrutural das representações sociais”. Em A.S.P. Moreira e D.C. de Oliveira (orgs.), *Estudos inter disciplinares de representação social* (pp. 27-38. Goiânia: AB Editora.
- Almeida, A. e Santos, M *et al.* 2000 “Representações e Práticas Sociais”. *Contribuições teóricas e dificuldades metodológicas*. Ribeirão Preto V8. Nº 3. Pp.257-267
- Araújo, J.O. 2003. *O elo assistência e educação: Assistência/desempenho no programa da residência universitária Alagoana*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social. Universidade Federal de Pernambuco) Recife. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm
- Barbosa, R.A. 2009. *A assistência ao estudante da residência da Universidade da UIPB*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Universidade Federal de Paraíba - João Pessoa.
- Braga, J.M.F. (1982) “Prostituição e moral: evangelização libertadora versus pecado social”. In Ângelo, A. et al. *A prostituição em debate*. São Paulo: Paulinas, Cap. 7, p. 59-76.
- Berlin, I. 1996. *Cuatro ensayos sobre la libertad*. Madrid: Alianza Editorial. <https://es.scribd.com/.../BERLIN-Cuatro-Ensayos-sobre-la-Libertad...>
- Boni, V. e Quaresma, S. J. 2005. “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais”. *Revista em Tese*. UFSC. v. 2, n. 1, p. 68-80. Disponível em: http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/search/resul_ts>. Acesso em: 23 Novembro de 2016.
- Costa, G.C. e Oliveira. S/D. *Moradias estudantis: Uma política pública na consolidação do direito à cidade*. São Paulo: Editora Annablum.

Da Silva, e E. Costa, D. et al 2010. “O trabalho das profissionais do sexo em diferentes locais de prostituição”. www.ambito-jurídico.com.br/site/index.php?n_link=revista..

Do Couto, V. 2014. “Aquece-me esta noite” Corpo sexualidade e Amor na Prostituição feminina em Pouso Alegre- MG. www.encontro2014.sp.anpuh.org/.../1406775608_ARQUIVO_Aq

Dimenstein, G. 1992. “Meninas da Noite: a Prostituição de meninas-escravas no Brasil”. São Paulo: 4ª Edição Ática. <https://www.estantevirtual.com.br/b/.../meninas-da-noite/38069356>.

Delabrida, Z. 2014. “Variáveis individuais, sociais e do ambiente físico em residências universitárias” In S. Cavalcante & G. A. Elali (Eds.). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Rio de Janeiro: Vozes. Pp.281-289.

Ferreira, J.M. e Peixoto J, et al. 1995. “Teorias funcionalistas”, in *Sociologia*. Lisboa: Editora McGraw-Hill.

Gaulejac, V. 2005. *La Societé malade de la gestion: idéologie gestionnaire, pouvoir managérial e harcèlement social*. Paris: Seuil.

Gomes, R. 1996. *O corpo da rua e o corpo na rua, prostituição infantil em questão*. São Paulo: Unimara.

Goffman. E. 2002. *Interacionismo Simbólico*. Lisboa: Editora Papiros.

Joledet, D. 1989. *Representation Sociales*. Paris: Presses Universitaires de France.

Kreiss, J. e Plumer, D. et al. (1986) AIDS, *Virus enfection in Nairobi prostituts: Spread of the Epidemic to East Africa*. Pp.414-418

Leite, G. S. 1992. *Eu: mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. <https://www.estantevirtual.com.br/.../eu-mulher-da-vida/31049118..>

Macamo, E. 2004. *A leitura sociológica: um manual introdutório*. Maputo: Imprensa Universitária.

Marconi, M. & Lakatos, E. 2003. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Edição Atlas, 5ª Edição.

- Minayo, M.C.S. e Sanches, O. 1993 *Qualitative and Quantitative Methods: opposition or complementarity?* Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública.
- Muianga, B. 2009. *Risco e Saúde no contexto de VIH/ Sida. Caso da baixa da cidade de Maputo*. Disponível em [www. https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1499](http://www.https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1499)
- Muniz, V. 2001. “ Práticas Noturnas em Lages na década de 1970”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. ANPUH. www.snh2011.anpuh.org/.../1308175065_ARQUIVO_artigovaness.
- Peterson, J. e Diclement R. 1994. *Chancing HIV/AIDS risk behavior: the role of behavioral interventions*. link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-1-4899-1193-3_1
- Piscitelli, A. 2004. “On gringos and natives in gender and sexuality in the contexto of international sex tourism in Fortaleza”, *Vibrant*, v.1/2, p.84-144. www.vibrant.org.br/downloads/a1v1_ogn.pdf
- Oliveira, A. 2013. *Prostituição Feminina, feminismos e Adversidade de Trajectórias*. Porto: Universidade do Porto ex-aequo. nº 28 Pp 17-30
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. 2003. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Schutz. A. 1979. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- Silva, W.S. e Nunes, A. 2013. *A arte de viver no contexto das repúblicas universitárias*. search.ebscohost.com/login.aspx?direct...h..
- Sousa, L.M. e Sousa, G. 2009. *Significados e sentidos das casas estudantis e a dialéctica inclusão-exclusão*. www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414
- Spink, M.J.P. 1993. “The concept of social Representations in social psychology”. Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*. São Paulo, v. 17, www.scielo.br/scielo.php?script=sci
- Tinta, J. E. 2013. *A Vida atrás dos Riscos: Uma análise antropológica da prática da prostituição na cidade de Maputo*. UEM. Tese de Licenciatura em Antropologia.
- Silvestre, H. C. 2010. *Gestão Pública: Modelos de Prestação no Serviço Público*. Lisboa: Escolar Editora.